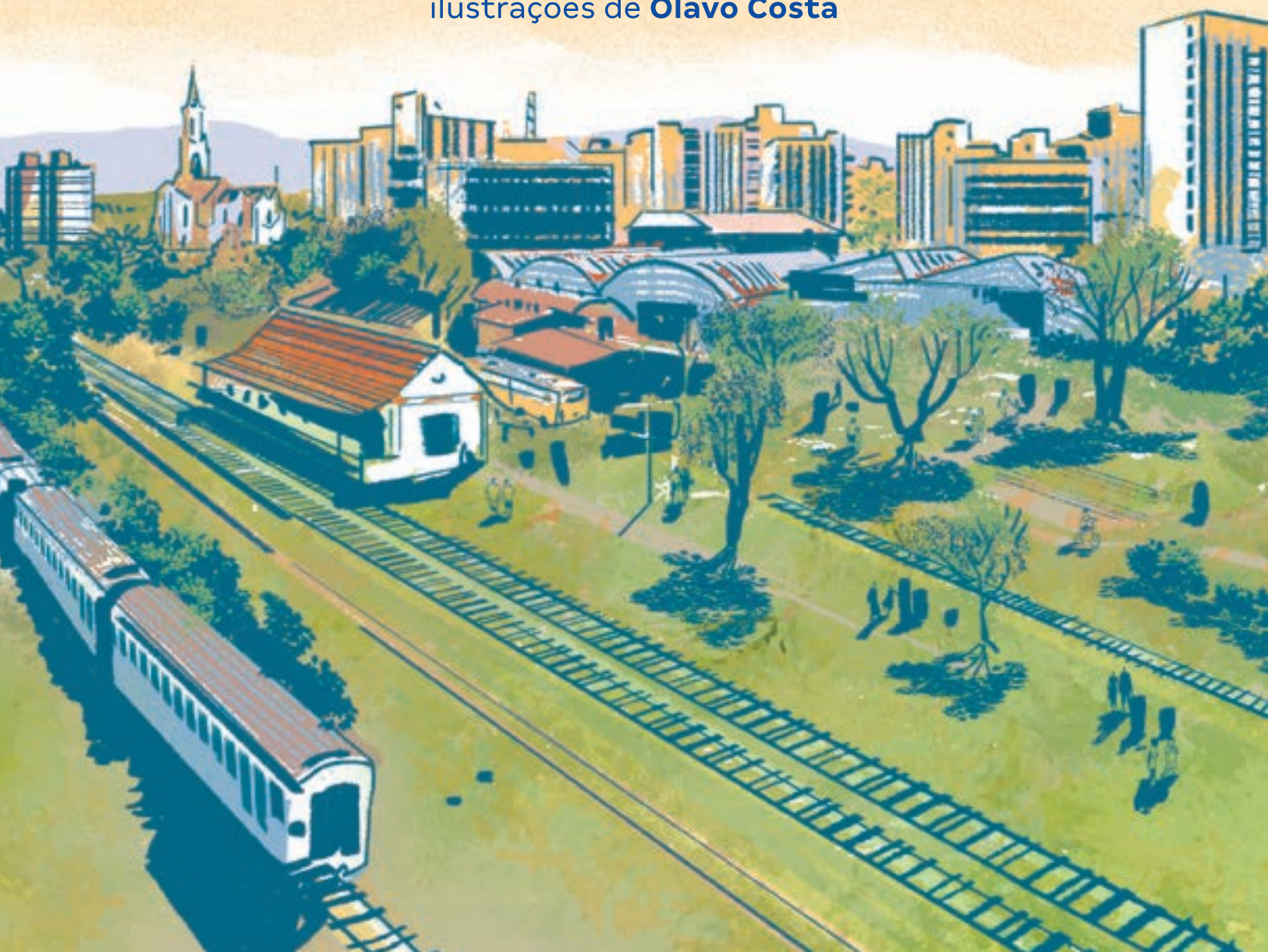


BENTO GONÇALVES

A CIDADE DA GENTE

Marcus Aurelius Pimenta
alunos e professores das escolas municipais

ilustrações de **Olavo Costa**



BENTO GONÇALVES

A CIDADE DA GENTE

Marcus Aurelius Pimenta
alunos e professores das escolas municipais
ilustrações de Olavo Costa



OLHARES

São Paulo 2025



Somos a Aegea, empresa referência no setor de saneamento básico no Brasil, com 15 anos de história. Por meio de nossas concessionárias espalhadas de norte a sul do país, atendemos mais de 39 milhões de pessoas, em 15 estados e mais de 890 municípios. Temos o propósito de movimentar a vida, levando saúde e dignidade para milhões de brasileiros com serviços de água potável, coleta e tratamento de esgoto.

Mas vamos além dos benefícios gerados pelo serviço de saneamento que prestamos! Temos o olhar para o cuidado com as pessoas e com o meio ambiente e somos mestres em “brasicidades”, valorizando profundamente os saberes e as histórias dos territórios onde estamos.

O patrocínio deste livro une a Corsan e o Instituto Aegea, organização sem fins lucrativos que é o braço de iniciativas socioambientais da companhia e tem a missão de contribuir com o desenvolvimento dos municípios de atuação do Grupo Aegea, visando gerar impacto positivo e prosperidade compartilhada por meio das melhores práticas socioambientais.

Fazemos isso ao promovermos parcerias como esta, no projeto A Cidade da Gente, que convida jovens estudantes de escolas públicas a mergulharem na história de suas cidades, de forma a honrá-la e valorizá-la, além de estimular seu interesse pela leitura e pela cultura, contribuindo diretamente em suas formações pessoais e acadêmicas.

A Corsan está presente em 317 municípios gaúchos e sabe o quanto cada chão representa para a sua gente. É esse mesmo orgulho que sentimos em contribuir não somente com o desenvolvimento de um futuro melhor em cada lugar que atuamos, mas principalmente em oportunizar o resgate da memória de cidades importantes também para a nossa história, como é Bento Gonçalves.

Que esta obra, fruto da colaboração de tantos profissionais e estudantes, valorize ainda mais a cultura e a riqueza desse município e, como a nós, também orgulhe muitas pessoas.

Corsan e Instituto Aegea

Neste ano em que Bento Gonçalves celebra os 150 anos da imigração italiana, a educação se apresenta como guardiã da memória coletiva, tecendo com palavras, gestos e escuta o fio que une passado e presente. Neste livro, cada página é semente plantada pelas mãos de crianças, jovens, professores e famílias que aceitaram o convite para olhar para trás e, com sensibilidade, reencontrar as raízes que ainda florescem em nosso cotidiano.

Nossas escolas tornaram-se territórios vivos de pertencimento e história. Em cada sala de aula, nasceu uma pesquisa, uma conversa com os mais velhos, uma visita a um casarão antigo, um desenho inspirado na arquitetura ou no aroma da polenta no fogo. Foi na escuta das vozes que habitam nossa comunidade que se construiu esta narrativa plural, feita de lembranças, saberes e afetos.

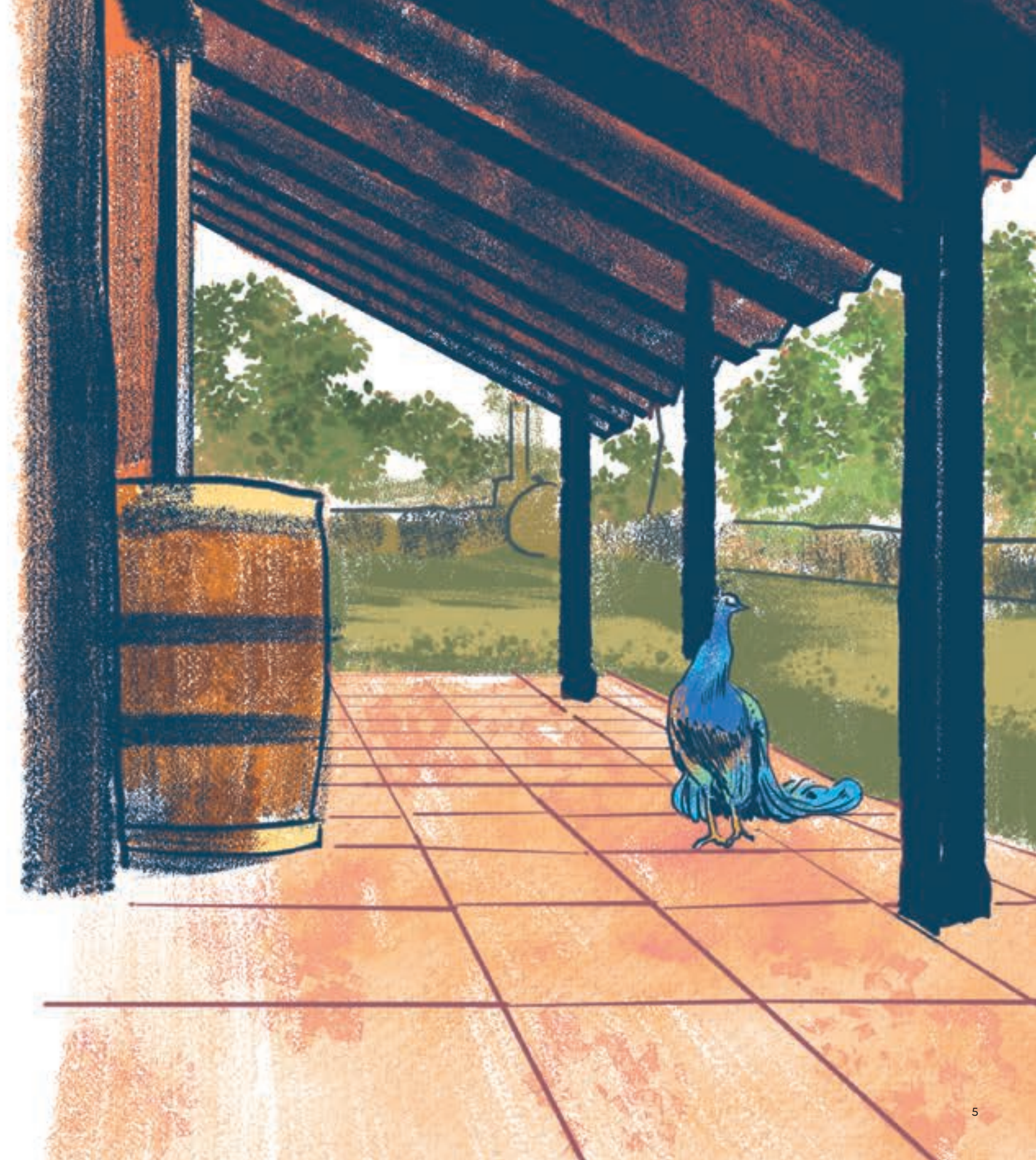
Ao escreverem sobre a herança italiana e outros temas de nosso rico patrimônio cultural, nossos estudantes compreenderam que identidade se constrói com memória, e que Bento Gonçalves, embora fortemente marcada pelas tradições dos primeiros imigrantes, é também fruto de muitos encontros. Outras culturas, com suas histórias e esperanças, também cruzaram caminhos, somaram gestos, compartilharam sonhos. E é dessa tessitura diversa, feita de diferentes cores, vozes e origens, que se forma a alma generosa e vibrante da cidade.

Este livro é um gesto de amor à cidade. Um presente que brotou do trabalho pedagógico, dos projetos interdisciplinares, das rodas de conversa e das descobertas emocionadas. É cidadania que nasce da escuta e da partilha, da palavra que vira memória e do afeto que vira história.

Agradecemos a cada professor e professora que acolheu com ternura cada ideia e transformou a história local em experiência viva. Às famílias e aos parceiros, nossa gratidão pelo tempo e pelo carinho. Que este livro emocione, inspire e permaneça como sinal do compromisso das escolas com a cultura, com a memória e com um futuro mais humano e enraizado. Porque é aprendendo com as raízes que seguimos crescendo. Juntos.

Com orgulho e emoção,

Secretaria Municipal de Educação de Bento Gonçalves



SUMÁRIO

10	VALE DOS VINHEDOS E DICIONÁRIO ITALIANO
18	DISTRITO FARIA LEMOS
24	CULINÁRIA ITALIANA
32	FENAVINHO
36	CAMINHOS DE PEDRA
46	ESCOLA COMO PATRIMÔNIO
54	DISTRITO INDUSTRIAL
60	LAGO DA FASOLO
68	SETOR MOVELEIRO
74	DISTRITO TUIUTY





Muito antes da chegada das naus portuguesas, povos indígenas das nações caingangue, guarani e xokleng transitavam pelas serras do nordeste gaúcho, mesma região em que, anos depois, Bento Gonçalves seria fundada.

Foram expulsos pelos sertanistas a partir do século XVII, mas os sinais de sua presença ainda estão ali: são pinturas, utensílios, pontas de flecha e as surpreendentes casas subterrâneas, pejorativamente chamadas de “buracos de bugre”. Nem os bisavós dos jovens autores deste livro tinham nascido quando, no século XVIII, tropeiros paulistas e portugueses açorianos começaram a se fixar na área. Na época, o local era chamado de Cruzinha, por conta de uma cruz gravada sobre o túmulo de um viajante.

Em 1870 a região foi desmembrada da vila de São João do Monte Negro, ganhando um nome oficial: Colônia Dona Isabel. E, cinco anos depois, aconteceria o mais impactante capítulo dessa história. Mas como tudo isso se transformou na Bento Gonçalves de hoje em dia? Como essas heranças culturais se transformaram em patrimônios da cidade, que marcam sua identidade e o jeito de viver de suas famílias? Agora a palavra está com os estudantes das escolas públicas municipais de Bento Gonçalves, que pesquisaram e escreveram esta obra divertida, afetuosa, estimulante e farta em conhecimento.

VALE DOS VINHEDOS E DICIONÁRIO ITALIANO

EMEF Lóris Antônio Pasquale Realli
Professora Fabiele Favero
Turma 91

Benvenuti a tutti!

O decreto emitido em 1870 pelo governo da província de São Pedro do Rio Grande do Sul destinava uma área para receber imigrantes que fugiam do sofrimento na Europa. Portugueses, espanhóis, alemães e uns gatos pingados franceses já andavam pela região, mas mulheres e homens de outra nacionalidade viriam com a nova leva.

Eram os italianos. E eles continuaram vindo. Desde sua chegada até hoje já se passaram 175 anos, mas sua influência ainda é fortíssima em Bento, e principalmente na região do Vale dos Vinhedos. A Fabielly e a Larissa nos ajudam a entender isso:

Com o tempo
As famílias aumentaram
E os costumes continuaram
E até hoje ouvimos
Um *mamma mia!*,
Mas nem todos sabem o que significa.

Sua cultura, seus costumes
E até blasfêmias
Permanecem
No corpo, no jeito
E nas *conversazioni* com conhecidos.

Polenta com *fortaia*
Ou com salame
Tanto faz
A culinária Talian
Sempre *deliziosa* e *abbastanza*
Surpreende a todos
Que aqui visitam.
Fabielly Campiol dos Santos e Larissa Guedes

Conversazioni é “conversa”, em italiano. Essa, a propósito, foi uma característica dos textos dessa turma. Eles escreveram em... portuliano, uma mistura de português com italiano. *Dio mio*, ficou ótimo!

Da chegada à atualidade

Quando chegaram aqui,
não tinham *niente*.
Já cedo, começaram a plantar
Pannocchia de milho e *fagiolo*
Para *mangiare*.
Começaram a construir casas
Com *tutti* que tinham.
Nas escolas, os *bambini*
Não podiam *parlare* italiano
Pois aqui acharam que
Falavam mal deles.
Por isso falavam *italian*
Entre si, com *buongiorno*,
Tutti sani, buona notte e
Outras coisas...
Demoraram pra se acostumar
Pois a linguagem era mais
Complexa e a cultura diferente,
Mas... com o passar dos
Anos se acostumaram e
Hoje em dia, todos vivem
Em paz e harmonia.

Livia Isabela da Silva Ribeiro e Rafaela Franco Bortolini

Vocabulário:

Niente – nada

Pannocchia – espiga

Fagiolo – feijão

Mangiare – comer

Tutti – tudo

Bambini – crianças

Parlare – falar

Italian – Italiano

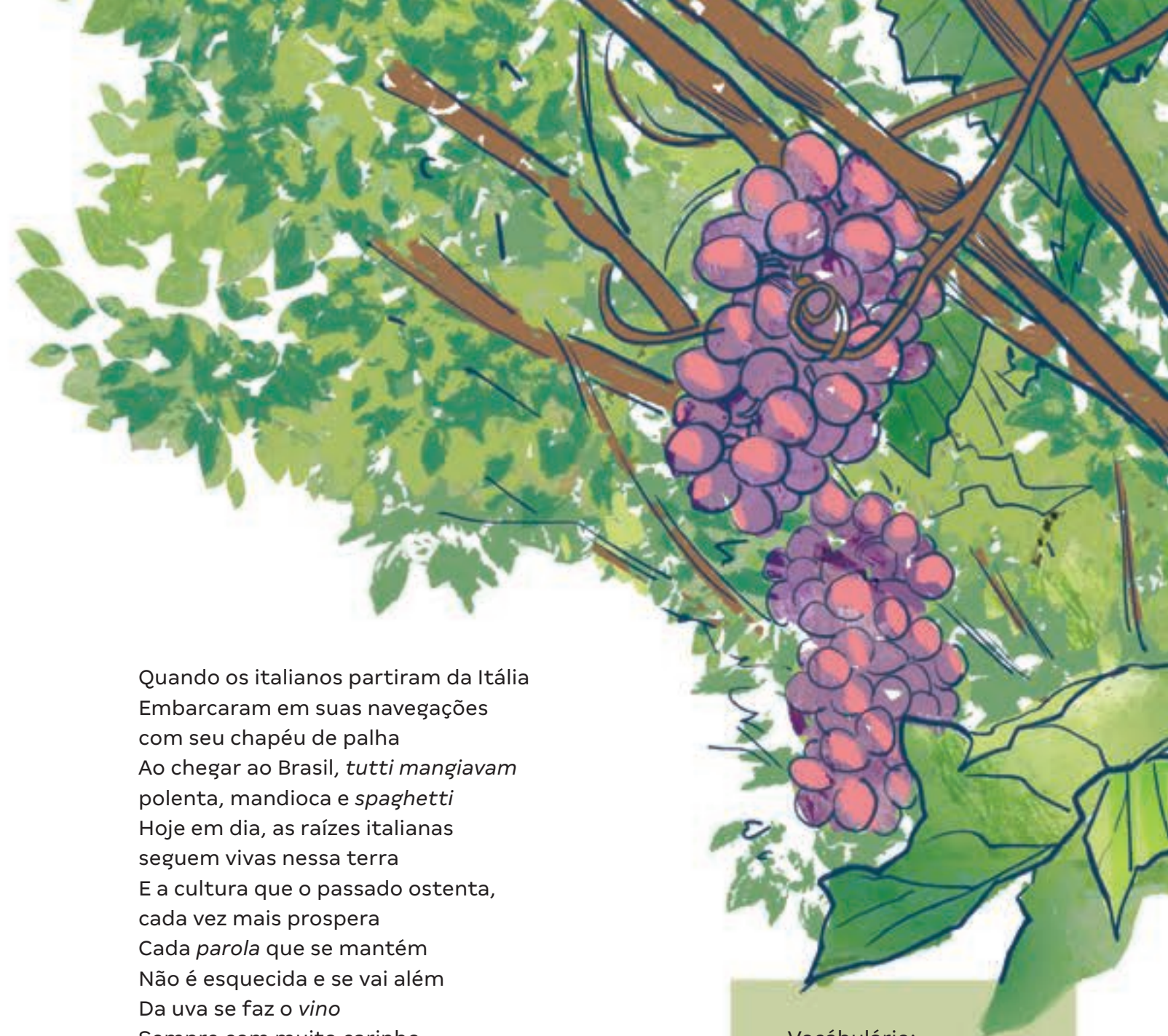
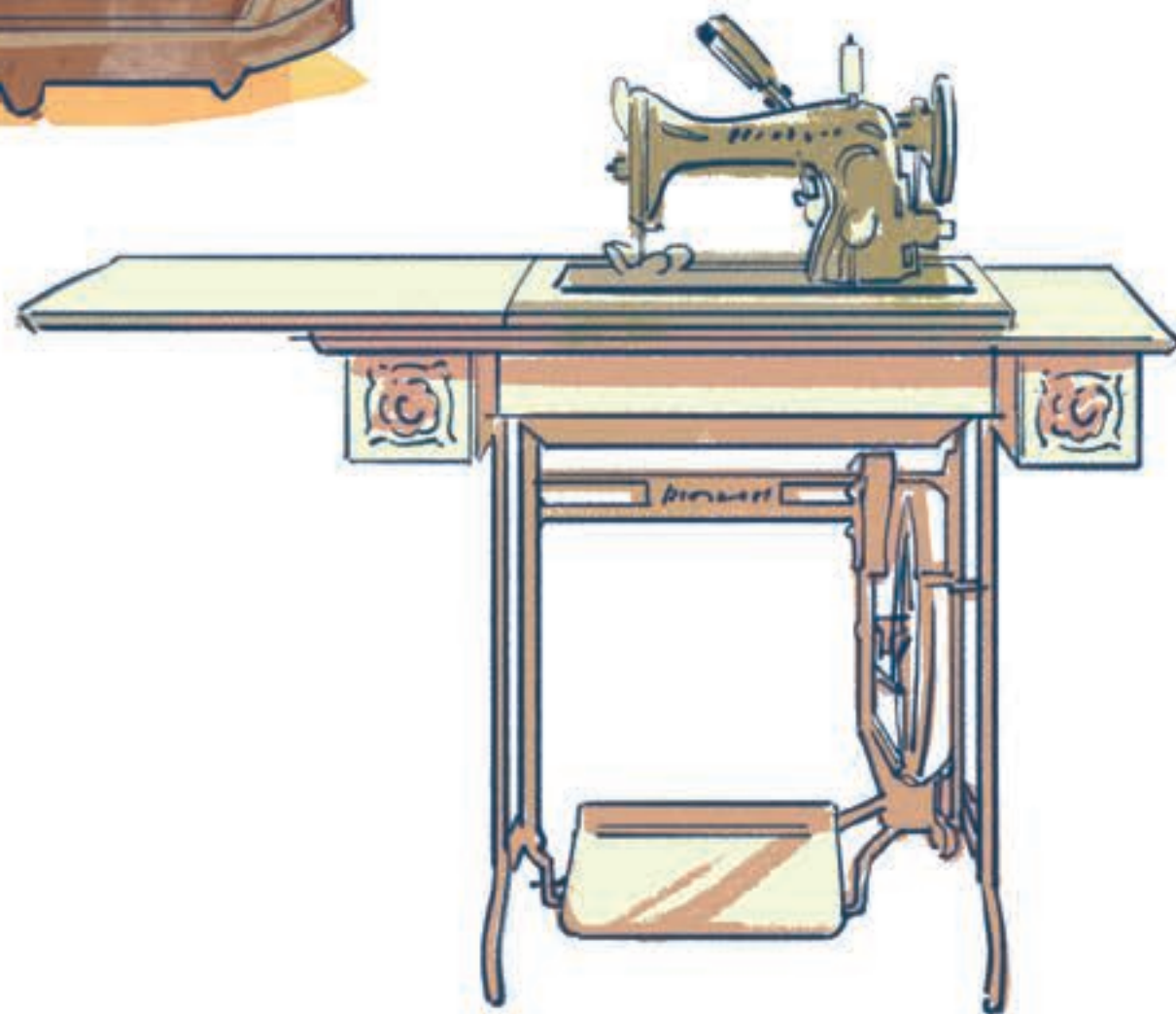
Buongiorno – bom dia

Buona notte – boa noite

Tutti sani – tudo bem



Sim, é como bem mostraram a Livia e a Rafaela: a adaptação ao novo território foi difícil, mas seu amor pela cultura de origem era tão grande que eles fizeram de tudo para preservá-la. Conseguiram. Agora o objetivo é fazê-la passar de geração em geração, para que no futuro, como dizem o Henrique e a Jacqueline: “as raízes se mantenham e os *bambini* mais novos continuem o seu legado.”



Quando os italianos partiram da Itália
Embarcaram em suas navegações
com seu chapéu de palha
Ao chegar ao Brasil, *tutti mangiavam*
polenta, mandioca e *spaghetti*
Hoje em dia, as raízes italianas
seguem vivas nessa terra
E a cultura que o passado ostenta,
cada vez mais prospera
Cada *parola* que se mantém
Não é esquecida e se vai além
Da uva se faz o *vino*
Sempre com muito carinho
Pronto para ser bebido
Mesmo com todas dificuldades
Eles se mantiveram firmes e fortes
Para que hoje a cultura que lhes foi ensinada
Se passe de geração em geração
E que no futuro, as raízes se mantenham
E os *bambini* mais novos continuem os seus legados.
Henrique Fontela Alves Flores e Jacqueline Carniel

Vocabulário:
Tutti – todos
Mangiavam – comiam
Spaghetti – espaguete
Parola – palavra
Vino – vinho
Bambini – crianças

Sapo ou rospo?

Que tal agora uma pitada de humor?
Esta memória familiar, resgatada pela
Ana Laura e pela Beatriz, mostra que a
influência italiana em Bento é tão grande
que até os sapos têm dupla nacionalidade.

Há muito tempo na escola
A professora pediu ao *ragazzo*:
“*Soletra la parola sapo*”.
O *ragazzo* logo respondeu:
“S + A = SA
P + O = PO
-> *ROSPO*”.

Ana Laura Rodrigues e Beatriz Cestonaro

Vocabulário:
Ragazzo – menino
La – a
Parola – palavra
Rospo – sapo



DISTRITO FARIA LEMOS

EMEF Lóris Antônio Pasquale Realli
Professora Fabiele Favero
Turma 81

Século XIX

Faria Lemos é o distrito mais antigo de Bento Gonçalves. Neste ano, a propósito, comemoram-se 100 anos de sua fundação, ocorrida em 1925. Mas, cá entre nós, isso é só uma data oficial. O início mesmo se deu em 1877, quando imigrantes do Tirol, de Vêneto e da Lombardia desbravaram a região.



A casinha antiga

Há muito tempo
Havia uma casinha
Com uma grande família.
Juntos faziam suas *pasti*
Naquela mesa havia *risata*,
mas também *conversazione serie*
com muito *amore*.
Hoje em dia, os netos já crescidos
Entram naquela casa *fredola e buia*.
Os olhos se enchem de água.
Saudade dos almoços, do *panne appena stornatto*,
Do fogão a lenha e, principalmente,
da *risata* do *nonno* e da *nonna*, hoje enterrados.
Só nos resta *ricordi*.

Julia Marcelli Trevisani e Kéren Kyuani Varini Felisardo

Vocabulário:
Pasti – refeições
Risata – risadas
Conversazione serie – conversa séria
Amore – amor
Fredda – fria
Buia – escura
Panne appena stornatto – pão recém-tirado do forno
Nonno – avô
Nonna – avó
Ricordi – memórias

Campanário

São várias as atrações de Faria Lemos, mas uma das mais belas é o Mirante do Campanário, torre que fica ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. A notícia ruim é que você terá que subir 55 degraus antes de chegar ao alto. A boa é que ganhará uma exuberante vista do vale, dos morros e dos vinhedos. E, quando se escuta o dobre do sino, tudo parece ganhar mais beleza. O Luiz e o Pedro descrevem essa sensação:

Inaugurado em 1975 pelos *Italiani*
Ponto turístico de uma *bella* vista
Nos mostra toda *città*
Uma *brezza* e paisagens únicas

Montagne enormes e um verde vibrante
Vigneti antico e culturais
Chama atenção de quem vê
Esse é o tão lindo campanário

Quando o tocam
Param para ouvi-lo.
Cinco andares de *tradizione*,
Cinco andares de cultura,
São cinco andares de pura *storia*.

Luiz Gustavo Boldrini
e Pedro Henrique Lavandoski Menezes

Vocabulário:

Italiani – italianos

Bella – bela

Città – cidade

Brezza – Brisa

Montagne – montanhas

Vigneti – parreirais

Antico – antigos

Tradizione – tradição

Storia – história

Enquanto os sons se espalham pelo vale, sentimos
mais uma vez a “essência italiana” da cidade.

Do Vale que vemos,
Das *viti piantate*
A essência italiana
Que *abita* em cada um de nós
Se desperta...
Ao ver tanta *bellezza*.

Aos *Italiani* que nos deram origem
Nossos ancestrais amados
Com *fermezza*, dedicados
Ao fundarem nossa *regione*.

Eles sentem *orgoglio* imenso,
Deles mesmos
E de nós
Que mantemos a cultura italiana viva
Até *oggi*!

Briana Morin da Luz Brito e Julia Grando Baggio

Vocabulário:

Viti piantate – parreiras plantadas

Abita – habita

Bellezza – beleza

Italiani – italianos

Firmezza – com firmeza

Regione – região

Orgoglio – orgulho

Oggi – hoje

CULINÁRIA ITALIANA

EMEF Alfredo Aveline

Professoras Karine Antônia Panizzi e Angelica Perin Casagrande

Turma 81

O Ministério das Delícias Gastronômicas adverte: não leia este capítulo com fome.

Se existe um item da cultura italiana que conquistou o Brasil, esse item é a comida. E em Bento não poderia ser diferente. A memória gustativa é um ponto tão forte da sua história que os alunos nos sugeriram um menu com seus apetitosos textos. Vamos a ele?

Como entrada, senhoras e senhores, temos uma sugestão da Antônia Pilan. Ela lembra que no inverno costumava ir à casa da avó para tomar sopa de *capeletti* com um pãozinho torrado. “Em nossa cidade”, diz ela, “a sopa de *capeletti* é mais do que um prato, é uma tradição carregada de história e afeto.”

Começamos bem, não? Agora é hora de partir para o prato principal, e o Bernardo nos apresenta sua excelência, a bela polenta.



Polenta

Em uma panela,
coloque três litros de água.
Não esqueça de aquecer ela
com sal em forma de frágua.

Após um tempo aquecendo,
adiciona um pouco de óleo que não faz mal.
Com auxílio de um fuê fique mexendo
e coloque farinha vinda do milho.

Quando estiver cremosa,
cozinhe por meia hora.
Pegue o leite que saiu da mimosa
e chame a família para comer: “Bora!”

Não pode faltar o queijo ralado,
mas com certeza a melhor companhia
é fazer a refeição com a família
e ao lado do seu amado.

Bernardo Favarini Bittencourt

E, de sobremesa, que tal um *grostoli*? Para o Guilherme, o João Ricardo e o Vitor Gabriel ele traz uma memória muito familiar: “sua massa doce e saborosa lembra os cafés da tarde da *nonna*”.

O gostoso *grostoli*

Grostoli, um prato italiano, sua massa doce e saborosa lembra os aconchegantes cafés da tarde da *nonna*, uma tarde gostosa.

O inverno frio da serra gaúcha tinha o sabor do açúcar com canela, sabor que é amado pelas crianças
sabor que traz boas lembranças.

Um alimento que une a família, no preparo com as mãos enfarinhadas e na hora da refeição com as mãos meladas, sempre feito com muito amor.

A receita veio em um momento difícil, mas hoje em dia nos deixa com coração quentinho, proporciona momentos deliciosos e alegres, em forma de doce espalhando carinho.

Guilherme Lopes no Loro, João Ricardo Omensi e Vitor Gabriel de Oliveira Tonello



Enfrentar o mau tempo, as doenças, a falta de estradas, a parca estrutura e a solidão não foi fácil para os colonos. Foi um pesadelo, na verdade. Mas a força e a persistência podem muito, e aos poucos a vida se reestruturou.

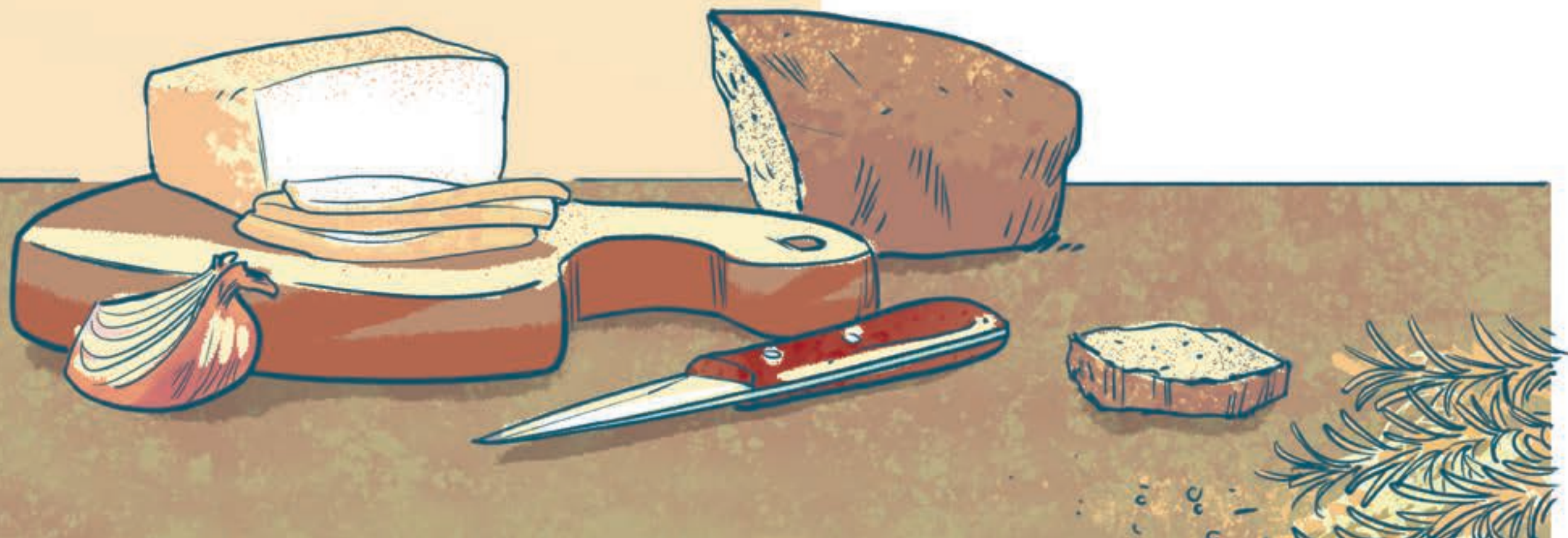
O ouro branco

Os italianos chegaram de navio com poucas coisas e sentindo frio. Fizeram casa, cuidaram do chão e guardavam a comida no porão.

Do porco tiraram a gordura, usaram na comida com doçura. Fritaram ovos, pão e feijão, guardaram tudo com atenção.

Não tinha geladeira nem nada, A banha brilhava no canto. Ela, que era tão amada, se tornou o “ouro branco”!

Luan Lucas de Oliveira Leite e Vinícius do Amaral Barbosa



Vários alimentos de um só animal

Quando era pequena lembro do meu avô reunindo meus tios, minha mãe e minha avó para ajudar a matar e limpar o porco que era criado em uma casinha de madeira. Logo cedo, preparavam o fogo com a lenha recém-rachada à mão. Uma remessa de madeira era colocada ao ar livre para fazer uma fogueira e, em cima dela, uma panela cheia de água para ferver.

A água quente era usada para tirar a pele do animal, e depois cortavam e separavam as suas partes: as patas e o rabo viravam uma deliciosa rabadá; a carne, um maravilhoso churrasco aos domingos; a cabeça era assada e virava a ceia de Natal; a tripa era separada para virar um grande salame; a banha era obtida através de uma grossa camada de gordura e uma pequena de carne que vinha da *pancetta* do porco. Essa parte era frita em um tacho e depois era levada a uma prensa de inox com vários furos para escorrer a gordura, e a banha era guardada dentro de baldes de plástico e armazenadas para fazer comidas e também vendida para vizinhos próximos.

A parte mais aguardada desse momento da culinária da carne suína era quando meus avós faziam os deliciosos torresmos, que serviam de aperitivo, ou junto do chimarrão diário, além de ser mais um momento de unir a família.

Essa é a lembrança mais especial que tenho dos meus avós e de tudo que me ensinaram.

Alana Manara



FENAVINHO

EMEF Alfredo Aveline

Professoras Karine Antônia Panizzi e Angelica Perin Casagrande

Turma 83

Chamariz

Antes de seguir lendo, responda à questão:

Qual é a bebida que dá fama nacional a Bento Gonçalves?

- ☐ O óleo de fígado de bacalhau.
- ☐ O chá de carqueja.
- ☐ O vinho.

Não foi difícil, não é? Até o pórtico na entrada da cidade, em formato de pipa, ajuda a acertar a resposta. Bento tem dezenas de vinícolas que também produzem suco de uva, geleias, cremes e produtos de beleza. Fonte de renda e símbolo cultural, o vinho deu origem, em 1967, a uma superfesta. Qual? Passamos a palavra para o Douglas, o Lucas, o Pablo e o Theo.



Juntando uma das principais receitas trazidas pelos italianos e um bom marketing de comércio, a Fenavinho tornou-se um dos principais eventos do Rio Grande do Sul. Ela recebe milhares de turistas anualmente e destaca o valor da nossa cultura.

Douglas da Silva Rosa de Oliveira, Lucas Bettoni Ferrari, Pablo Antunes e Theo Gedoz Garcia



Nossa Fenavinho

1967

Nosso cantinho
Do melhor vinho
Feito com amor e carinho
E também com empenho.

Cada gota uma lembrança
Dos dias de esperança
Um vinho, uma memória
Da vitória construída.

2011–2019

Fenavinho por oito anos
Esquecida
Sumida no tempo
Não vivida nem lembrada
Pela última vez a Fenavinho
Suspirou.

Logo sua hora chegou
Então você voltou renovada
Em uma nova ideia
Algo novo
Aquilo que não esperava
Veio juntinho com uma amiga
Expobento nossa surpresa
Seu lugar ainda está guardado
em nossos corações
Nas nossas lembranças
Em nosso sangue

2025

Estamos à sua espera
Assim como aqueles imigrantes
que esperavam desembarcar
para uma nova experiência
Aqui estamos
E tudo isso, quem dera...
Começou com esses imigrantes.

Ana Júlia Cavalleri e Mileny Nascimento Marostega

A festa do vinho

Na terra da uva, o sonho floresce,
a taça levanta, o coração agradece.
Na produção, tudo é feito com amor e paixão,
Na Fenavinho, a festa é tradição!

Na terra do vinho, o sonho floresce,
uma mordida na uva, o coração aquece.
Bento traz cultura e produção,
Vinho é feito com amor e paixão!

Na terra do amor, o sonho floresce,
Bento Gonçalves é onde a festa cresce.
Na festa do vinho o povo se diverte,
Bento Gonçalves é onde a festa acontece.

Na terra da alegria, o sonho floresce,
O amor se espalha e a cultura enriquece.
A família se junta, a alegria inicia,
Sempre termina com muita alegria!

Laura Rodrigues Lorenzi e Valentina Rizzardo Martins





Muito antes de 1991...

Eu nasci como uma figura importante, mas essa história começou há muito tempo. Tudo se iniciou em 1967 com a primeira Fenavinho.

A Fenavinho mostrou a nossa cultura e culinária, mas principalmente nossos vinhos e vinícolas. Começou sendo financiada pelas empresas fortes da nossa região. Quando essas empresas pararam de financiar a Fenavinho, em 2011, ela ficou oito anos sem existir, só voltando em 2019. Desde então, é vinculada com a ExpoBento.

Agora vocês devem estar se perguntando quem sou eu. Fui inspirado no deus Baco, o mascote fanfarrão, bonachão e, claro, provador de vinho, como meu nome diz. Eu enfeitei as ruas que levaram até a Fenavinho por muitos anos, levo cultura, vinho e muita alegria por onde passo, sou o Tasta Vin.

Antes de mim eram usados os anões da Disney para enfeitar o trajeto até a Fenavinho e levar alegria até as pessoas. Mas vamos falar a verdade, eu sou muito melhor!

Júlia Betoni Ferrari

CAMINHOS DE PEDRA

EMEF Alfredo Aveline

Professoras Karine Antônia Panizzi e Angélica Perin Casagrande

Turma 83

Não há lugar mais típico para um mergulho na história de Bento Gonçalves do que a região da Linha São Pedro, ou dos Caminhos de Pedra, como é conhecida. Os alunos do oitavo ano tiveram o privilégio de fazer uma visita ao local e, nos doze quilômetros do percurso, aprenderam sobre a produção do vinho, contemplaram os deslumbrantes morros e florestas, apreciaram a arquitetura e viram ferramentas usadas pelos colonos. Milhares de visitantes vão até lá anualmente, mas poucos podem fazer disso uma experiência tão proveitosa.

Os Caminhos de Pedra, chamados hoje de linha São Pedro, já foram conhecidos como linha Palmeiro. Naquela época havia apenas 200 lotes disponíveis para os primeiros imigrantes, que vieram da região de Vêneto. Em 2009, os Caminhos de Pedra foram declarados Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande do Sul pela Lei Estadual n. 13.177/09.

Alexia Santos, Augusto Siega e Davi Duarte

Viagem no tempo

A chegada dos imigrantes italianos ao Sul do Brasil é uma história marcada por coragem, trabalho e também saudade. Fugindo da pobreza e das dificuldades na Itália, muitas famílias vieram com a esperança de recomeçar. Ao chegarem aqui, foram levadas principalmente para o interior do Rio Grande do Sul, em lugares como Bento Gonçalves.

Foram abrigados em barracões construídos especialmente para recebê-los. Anos mais tarde, este bairro, onde antigamente era a entrada principal de Bento Gonçalves e hoje é o início dos Caminhos de Pedra, foi nomeado como bairro Barracão.

Ali, entre morros e florestas, esses imigrantes começaram do zero, construíram casas de pedra, plantaram parreiras, fizeram igrejas e organizaram comunidades.

Hoje, os Caminhos de Pedra não são só uma estrada bonita, são um pedaço vivo dessa história. Quem visita o local encontra casas centenárias, comidas típicas feitas de forma artesanal e famílias que continuam mantendo viva a herança dos antepassados. O turismo por lá é uma forma de lembrar tudo o que esses imigrantes viveram, celebrar suas conquistas e, para muitos descendentes, reencontrar suas origens.

Mais do que um passeio, é uma viagem no tempo.

Emanuele Rodrigues e Giovana Paloschi

Um mundo por construir

Um dos maiores prazeres do passeio pelos Caminhos é visitar as casas erguidas pelos imigrantes. À medida que foram prosperando, eles fizeram suas moradias com pedras basálticas unidas por uma mistura de feno, palha de trigo e barro. Eram mais confortáveis que os barracões, mas ainda assim bem rústicas. As paredes eram grossas e resistentes, as janelas e as portas eram feitas de madeira e os telhados tinham telhas de barro ou de madeira.

As casas de pedra eram bem-organizadas. Tinham janelas no sótão que eram utilizadas como abertura para a entrada de sol com o objetivo de secar as palhas. Como eram muito religiosos, construíram ao lado de suas casas os capitéis para agradecer por terem chegado bem ao Brasil e pedir por proteção.

Ana Júlia Cazer e Amanda Luiza Marcon da Rosa

Com o passar do tempo algumas casas foram rebocadas por vergonha, pois eram feitas com barro, esterco e palha. Isso significava pobreza aos olhos das outras pessoas que foram se instalando na região. Felizmente os imigrantes melhoraram de condição e puderam reformá-las. Hoje muitos proprietários tiram o reboco para restaurar sua originalidade. Elas são exemplos da arquitetura tradicional e um motivo de orgulho para nossa região.

Fernanda dos Santos Dalcin e Lissah Lago Lima

ESCOLA COMO PATRIMÔNIO

EMEF Princesa Isabel

Professoras Alessandra Pozzer, Aline Turcatto e Gilvana Giordani

Turma 81

Relíquia do saber

Bento é uma cidade de histórias antigas, e esta é mais uma. O presidente dos Estados Unidos do Brasil era Getúlio Vargas, a moeda era o mil-réis e o campeão gaúcho de futebol tinha sido o Rio-Grandense, de Rio Grande. Estávamos no ano de 1939, e algo diferente surgia no bairro Vila Nova.

E esse algo diferente era ligado ao conhecimento.

Naquele ano, dez famílias puderam dar aos filhos a chance de aprender o bê-a-bá numa “escola” que ficava na casa do senhor Máximo Schenato. A notícia se propagou, mais alunos vieram e aí não teve jeito: ela teve que ser ampliada.

Graças à doação de terras por parte do próprio senhor Schenato e o esforço da comunidade, construiu-se o prédio da Aula Municipal Princesa Isabel (hoje sede da EMI Luz do Amanhã), que mais tarde, num terreno próximo, passaria a ser a EMEF Princesa Isabel. Essa viagem ao passado despertou a veia poética da Anna Laura e do João Vítor.



86 anos

Foi há 86 anos que tudo começou
um potreiro, uma pequena escola se tornou
vinda de matos, terras e árvores
hoje se tornou uma sociedade
a escola que antes era pequena
hoje tem 86 anos de vida plena.

No início histórias dos ciganos assustavam a gente
próximos à escola eles vinham acampar
e nossos pais aproveitavam para nos assustar
mais uma das curiosidades
antigamente as casas eram pequenas
e algumas de palha.

E em 86 anos a palha foi esquecida
e substituída por cimento e brita
isso que é vida
as casas lindas
e a escola grandíssima.

A escola Princesa Isabel é um patrimônio,
pois é um lugar que influencia a vida das pessoas
e conforme o bairro foi crescendo
junto a escola foi se desenvolvendo.

A escola antigamente
não era muito diferente,
pois só não tinha o ginásio
todos brincavam no pátio.
A escola não tinha muitos recursos,
mas deles fazia bom uso
por isso que através dela
muita gente já é formada
em qualquer área.

A escola antigamente
atendia pouca gente,
porém foi de uma pequena sala
a uma história magnífica,
que está hoje no coração
de quem nela esteve presente.

**Anna Laura de Fontoura dos Santos
e João Vítor de Paula Fernandes**

A ESCOLA É A CIDADE DA GENTE

Ferramenta do progresso

Quando a EMEF Princesa Isabel foi inaugurada, ela modificou as condições de vida de um mundo isolado. Para se ter uma ideia, ela foi construída onde antes havia um parreiral e, nos fundos, um potreiro onde ciganos costumavam acampar. As coisas mudaram um pouco por ali, não?

Onde há uma escola há conhecimento, experiências, oportunidades e progresso. Fazem-se amizades e as lembranças nos acompanham pela vida afora. No local, a conversa com os senhores Euclides Fin e Gilmar Paquete, moradores antigos do bairro, foi emocionante, e alguns alunos ainda encontraram fotos de tios, pais e avós que estudaram lá. Mais do que uma escola, a Princesa Isabel é uma referência afetiva.

Com o passar do tempo a escola ficou maior. O bairro e a escola mudaram. Apesar de tudo, eles melhoraram. E muitos construíram esse patrimônio cultural. Sem eles tudo estaria igual.

Jhony Szczepanik Boroto e Pietro Gavião de Vargas

Especial

Sim, tudo estaria igual. Ou pior. Por isso é importante lembrar de iniciativas como essa. Reconhecer o valor da escola e agradecer por tudo que ela proporciona a quem vive nas redondezas.

Evolução

Dentro da escola há memórias, memórias importantes do passado, memórias que podem mudar o futuro.

Antigamente a escola era muito diferente com o passar do tempo tudo mudou.

A escola era muito pequena e tinha vários estudantes, todos se conheciam, todos viviam juntos.

Antigamente os alunos não se safavam não, todos apanhavam, com reguada na mão.

Antigamente o bairro era bem pequeno e era virado em parreirais.

Tudo era quase mato poucas famílias moravam no bairro. Os filhos desde cedo trabalhavam E os pais, com o salário ficavam.

Os jovens caçavam e os preás eram assados. As estradas eram de chão e a diversão era de montão.

A maioria dos antigos nasceu aqui, então eles conseguiram ver a evolução.

Lembrança de uma memória que diverte minha alma. Ó Princesa Isabel, maravilhosa seja a sua presença fixada em minha história.

A escola é felicidade. Se não fosse ela, não estaria aqui. Agradeço por ter essa oportunidade de aprender, crescer, evoluir e tornar minha vida mais feliz.

Jeferson Dias Ribeiro, Luiz Fernando Bagiston e Maikely da Silva Lazzarotto



DISTRITO INDUSTRIAL

EMEF Princesa Isabel

Professoras Alessandra Pozzer, Aline Turcatto e Gilvana Giordani

Turma 82

Além da marca

Centro econômico em crescimento, Bento tem mais coisas a mostrar além de memórias e tradições. A cidade tem expressão no turismo de negócios, destaca-se na produção de máquinas e equipamentos, é forte no setor de serviços e tornou-se o maior polo moveleiro do Brasil. Um mercado aquecido atrai pessoas, e uma nova dinâmica foi ganhando força na cidade, sobretudo no Distrito Industrial. Antes pacato, o bairro testemunhou uma mudança de perfil, e, como nem sempre é fácil lidar com novidades, apareceram problemas. O olhar crítico da Fernanda e do Isaac nos ajuda a entender esse ponto:

Com a industrialização
Mudou muito a população
Veio muita gente
Todos diferentes
Somos multiculturais
Porque não somos todos iguais
Com a industrialização
Não veio só coisas positivas
Mas isso já se imagina.

O bairro é bom, mas não é perfeito
Todos têm seus defeitos
Pode ter briga
Mas faz parte da vida.

A escola Princesa formou muita gente
Todos com profissões diferentes
Mas isso não importa
Pois a escola abre portas.

Muitas famílias vieram em busca de
mudanças
E isso guarda lembranças.

Foi com o agir da gente
Que fez o bairro diferente.
Nós precisamos do passado
Para entender o presente
É o que faz ser diferente.
Os moradores falam com orgulho
O que marcou uma geração.

Fernanda Medeiro dos Santos e Isaac Quadrado Pinos

Melhor que Copacabana

Perfeição é algo que não existe na vida em coletividade, porém a recompensa do diálogo não demora a vir quando o objetivo é a paz. Basta querer. E hoje, repetindo a história de 150 anos, o Distrito Industrial recebe novas levas de imigrantes. A diferença é que agora, em vez de italianos, são uruguaios, argentinos, venezuelanos, haitianos e senegaleses. A Lurdes e a Luzia resumem assim a questão:



O nosso bairro tem tanta gente
de estados e países diferentes
Mas são gente como a gente.

Meu bairro, meu aconchego
minha casa, minha harmonia
é daqui que vem minha família.

Um bairro industrial
Como este não há igual
indústrias e comércio
giram a economia local.

Desde o passado até o futuro
O nosso bairro mudou
as ruas, as casas, as pessoas
cada um de um modo diferente,
mas cada estrada forma um caminho
lindo e surpreendente.

Nossa cidade, uma raridade
Como mostrar a você a alegria do meu ser?
De viver aqui no nosso bairro,
nossa raiz, nosso lazer
e a oportunidade de só crescer.

Lurdes Beatriz Albeche Pacheco e Luzia Augusto Jorge



E este outro poema nos faz pensar sobre a importância da mistura e da diversidade.

Nesse bairro você aproveita
A vista com muita beleza
Aqui não é Copacabana
Mas também é muito bacana.

Antigamente era diferente
Mais árvores e pouca gente
Agora é outra história
Mas continua sendo bem da hora.

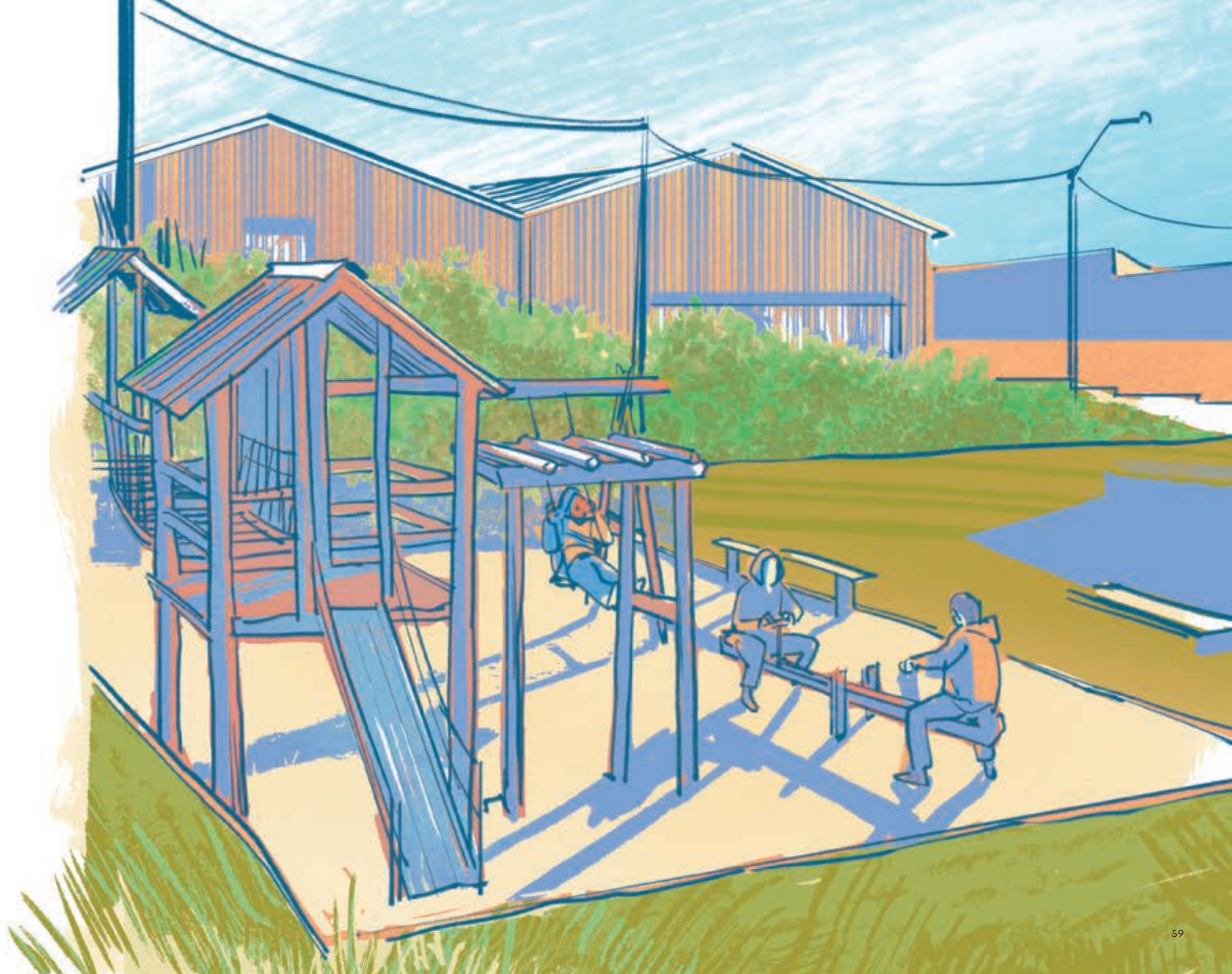
A nossa diversidade cultural
Várias etnias e raças
Culturas variadas
Eu acho isso muito legal
Assim todas se respeitam igual.

Várias crianças na praça
Todas juntas brincando
Sem preconceito, mas sim respeito
E assim elas vão se misturando.

Passado, presente e futuro
Todos juntos
Orgulhosos do patrimônio construído
O bairro tornou-se nosso mundo

Falar dele toca lá no fundo
E tudo que foi vivido
Agora faz sentido.

**Luise Caroliny Pereira Medeiros e
Marcos Vinícius Nunes Macedo**



LAGO DA FASOLO

EMEF Maria Borges Frota

Professores Gustavo Valduga, Marli Terezinha Fronza e Fernanda Piazza

Turmas 91 e 92

A Melissa não poderia ter escolhido palavras mais certas para entrarmos neste novo capítulo. Olhem só: “De acordo com o Dicionário Michaelis, lago é uma massa de água doce cercada de terra, geralmente menor que o mar e maior que uma lagoa, mas quem já caminhou e se interessou pela história do Lago da Fasolo sabe que ele é muito mais que isso”.

Situado no bairro Progresso, ele tira seu nome do curtume Fasolo, que usava suas águas para processos de lavagem de peles e dispersão de produtos químicos. A empresa fechou as portas há décadas e o lago passou anos a fio sofrendo com o lançamento de lixo, detritos industriais e esgoto.



Na verdade, sua condição era tão deplorável que, segundo a Viviane e a Kamilly, se o vaidoso Narciso, personagem da mitologia grega, fosse até ali, sua história seria diferente. Olha o que elas dizem:

Uma das histórias da mitologia grega e romana mais conhecidas por nós é o mito de Narciso, em que ele se apaixona pela própria imagem refletida em um lago.

Se transportássemos a lenda para os dias atuais, conseguiria Narciso ver seu próprio reflexo nas águas do lago? Caso fosse o Lago da Fasolo, até alguns anos atrás, talvez ele não teria conseguido ver sua imagem refletida e não sofresse sua Maldição, pois não teria se apaixonado pela própria imagem. Não teria como admirar sua beleza, ou melhor, ver seu rosto, uma vez que o lago estava turvo, poluído.

Viviane Cardoso da Silva e Kamilly Vitória Rech da Silva



Quarenta anos de protestos levaram ao movimento de despoluição (ainda em curso), e hoje o lago mostra-se mil vezes melhor do que antes. Onde havia tristeza, agora há esperança.

Senhor de bengala

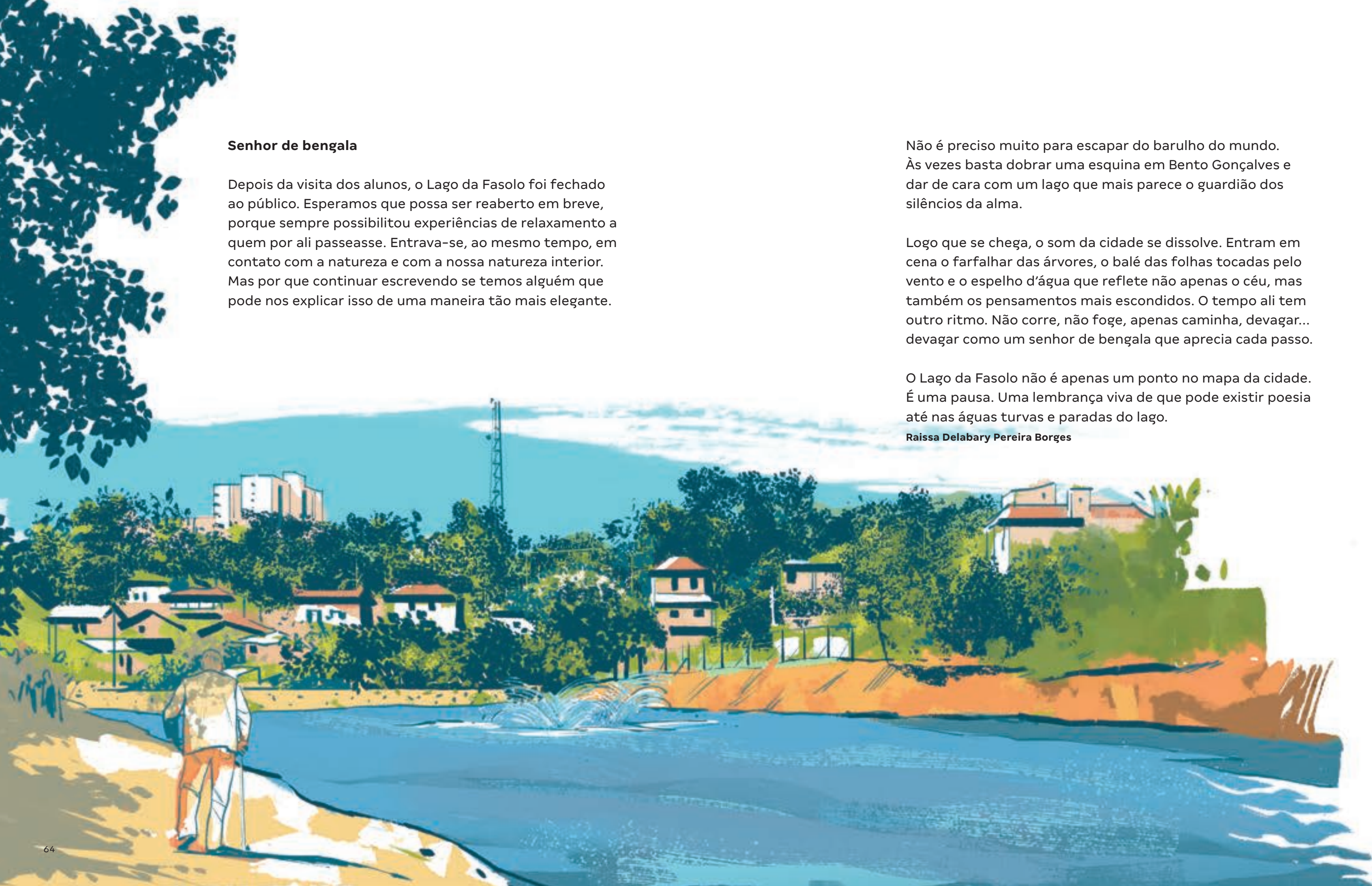
Depois da visita dos alunos, o Lago da Fasolo foi fechado ao público. Esperamos que possa ser reaberto em breve, porque sempre possibilitou experiências de relaxamento a quem por ali passeasse. Entrava-se, ao mesmo tempo, em contato com a natureza e com a nossa natureza interior. Mas por que continuar escrevendo se temos alguém que pode nos explicar isso de uma maneira tão mais elegante.

Não é preciso muito para escapar do barulho do mundo. Às vezes basta dobrar uma esquina em Bento Gonçalves e dar de cara com um lago que mais parece o guardião dos silêncios da alma.

Logo que se chega, o som da cidade se dissolve. Entram em cena o farfalhar das árvores, o balé das folhas tocadas pelo vento e o espelho d'água que reflete não apenas o céu, mas também os pensamentos mais escondidos. O tempo ali tem outro ritmo. Não corre, não foge, apenas caminha, devagar... devagar como um senhor de bengala que aprecia cada passo.

O Lago da Fasolo não é apenas um ponto no mapa da cidade. É uma pausa. Uma lembrança viva de que pode existir poesia até nas águas turvas e paradas do lago.

Raissa Delabary Pereira Borges



Cabe agora a todos continuar com o processo de revitalização, concluindo a missão longamente aguardada pelos moradores do entorno e, enfim, por toda Bento Gonçalves. Com esse pensamento, o Bernardo conclui:

Tem lugar que parece estar sempre quase pronto. O Lago da Fasolo é um desses. Bonito, grande, cheio de vontade de oferecer vida, mas para isso precisa ser respeitado, trabalhado, despoluído.

Ele sofreu muito com o abandono e o descaso. Mas hoje existe esperança. Um grande projeto foi elaborado e aos poucos vem sendo colocado em prática. A limpeza do lago, um aterro, uma pista para caminhadas, corridas, o retorno da vegetação, peixes e aves ao local já podem ser vistos.

A revitalização completa do local ainda é um sonho, mas como tudo na vida precisa dos primeiros passos e estes já foram dados.

O Lago da Fasolo é como aquela promessa de ano-novo que a gente faz, cheia de boa vontade e intenção. Precisamos cultivar o desejo, sabemos das dificuldades, mas não podemos deixar cair no esquecimento. Precisamos de ações. A cidade merece esse espaço cuidado. Bonito. Protegido. Respeitado.

Quem sabe daqui a pouco, não vemos concretizado o Lago da Fasolo, transformado em parque. O espelho d'água limpinho, vegetação em torno, aves, peixes, tranquilidade. Reflexo de uma cidade maravilhosa que aprendeu a respeitar o que é seu.

Bernardo Gonçalves



SETOR MOVELEIRO

EMEF MARIA BORGES FROTA

Professores Gustavo Valduga, Marli Terezinha Fronza e Fernanda Piazza

Turmas 91 e 92

O básico do básico

Pouca gente sabe disso fora do Rio Grande do Sul, mas Bento Gonçalves é o principal centro moveleiro do Brasil. O município é, por exemplo, sede da Feira Internacional de Fornecedores da Cadeia Produtiva Madeira e Móveis (FIMMA), evento realizado desde 1993, e que mobiliza a cidade ao reunir grandes marcas e gerar oportunidades de negócios. Essa história, porém, começou no século XIX, e, para variar, envolve os italianos. A tradição de lidar com madeira, herdada de pai para filho, já se manifestava nos tempos da colonização, quando as casas tinham, com sorte, uma cama, um baú e alguns bancos.





A *expertise* em trabalhar com madeira, herdada, foi fundamental para o desenvolvimento das suas vidas e para suprir suas necessidades primordiais de abrigo e conforto. A construção de suas casas e dos móveis foi feita somente com técnicas artesanais, utilizando matérias naturais, como a madeira, pedras, peles de animais, entre outros.

Com o passar do tempo, essas técnicas artesanais e as matérias-primas evoluíram, passaram por muitas transformações e adaptações, saindo dos quintais de suas casas e porões para os outros lugares e permitindo que fossem criados móveis mais sofisticados e personalizados.

A experiência, a criatividade e as habilidades se tornaram aliadas importantes para a criação de peças únicas que refletem, hoje, a personalidade, o estilo e também o aproveitamento e a reutilização de outros componentes, matérias e maquinários disponíveis no mercado. Conforme as comunidades foram crescendo e se desenvolvendo, a arte da marcenaria e da carpintaria, que era artesanal, foi se tornando mais especializada. Por isso, somos o MAIOR POLO MOVELEIRO DO BRASIL.



A forte cultura de trabalho, a importância da família e o senso de comunidade são valores que os imigrantes italianos trouxeram e que se refletem na sociedade brasileira.

Resumindo: a bagagem dos imigrantes italianos foi muito mais do que física. Ela carregava um legado cultural, econômico e social que moldou e continua moldando e enriquecendo o Brasil.

“E la Merica l'è lunga e l'è larga
L'è circondata da monti e da piani
E con la industria dei nostri italiani
Abbiem formato paesi e città”.

Ana Carolina Barcelos Rosa, Nathielle Cerqueira Glock
e Pâmela Backmann

Quem te viu, quem te vê

Hoje a produção de móveis está bastante modificada em relação à época dos pioneiros. Em lugar de machados, serrotes e plainas, máquinas modernas fazem a produção acelerar, sem perda da qualidade e da personalização. Outro ponto que mudou foi a empregabilidade: em vez de dois ou três auxiliares trabalhando no quintal ou em porões, a cidade tem hoje mais de trezentas empresas que ajudam 6.576 famílias a se manter. Usando tecnologia, os fabricantes buscam também formas mais modernas de trabalho nos seus processos.



O mobiliário não é, como muitos pensam, apenas o móvel que possuímos hoje. Ele é história. Representa a evolução da nossa sociedade, nas questões de tecnologia, sustentabilidade e valores.

Voltando na história, a revolução industrial, o crescimento populacional e a necessidade na produção em larga escala necessitavam de um mobiliário que fosse projetado de forma funcional, saindo do artesanal para a manufatura. O modernismo do século XX impulsionou a produção de móveis mais estéticos. A arte foi valorizada e passou a expressar a identidade visual, sem esquecer das necessidades e dos valores culturais.

Nos dias atuais, as indústrias buscam formas mais sustentáveis de produzir seus produtos. No lugar da madeira, por exemplo, evitando o desmatamento, surgiram produtos como o MDF e o MDP, que são fabricados a partir de resíduos de madeira. Outra fonte para evitar o desperdício é o reflorestamento e o uso constante da tecnologia, hoje com a internet e a inteligência artificial. Mas não podemos esquecer que a mão de obra é peça fundamental para qualquer época. Sem as pessoas, sem a qualificação e sem as necessidades diárias não existem mudanças.

A evolução moveleira reflete o que foi, o que é e o que será a nossa sociedade. Estamos em constantes mudanças, mas não podemos esquecer dos nossos valores. A responsabilidade, por exemplo, com o ser humano e o planeta deve ser referência em nosso dia a dia e essencial para que possamos viver, melhorar e aperfeiçoar nossa convivência. Ainda temos muito a melhorar, evoluir e ter consciência da responsabilidade já é um grande avanço. Foco no futuro, com ações que beneficiem a todos.

Rafaela de Lima Soares

DISTRITO TUIUTY

EMEF Maria Borges Frota

Professores Gustavo Valduga, Marli Terezinha Fronza e Fernanda Piazza

Turmas 91 e 92

A visita ao Distrito Tuiuty foi um momento, ao mesmo tempo, rico e tranquilizante para os alunos. Observando os montes, os parreirais e as vinícolas, eles puderam ter uma noção do trabalho dos imigrantes, que transformaram a mata virgem em um lugar agradável e hospitaleiro.

Passeando em meio a edificações históricas, puderam sentir um pouco da atmosfera de serenidade, regalia com que contam seus pouco mais de cinco mil moradores. É o tipo de lugar que parece te dizer: “Relaxe, respire, fique em paz”.

Da Itália, eles partiram
Partiram com sua honra e fé

Passaram trinta e seis noites e dias de trem e navio.

E na América chegaram.
Bento, Bento, Bento
Que lugar é este bordado de parreiras?
Tuiuty, tuiuty, tuiuty,

É este lindo lugar, da parreira e do vinho.
Aqui nesta terra chegaram
Lugar cheio de vida, mas com muitos desafios
Cortaram o mato, araram a terra, semearam,
colheram
E durante um tempo à mercê da natureza ficaram.

No interior de Bento,
Entre terra, parreiras e trabalho
Floresceram a tradição
E as marcas da criação.

Aqui, hoje, se encontra de tudo
O cheirinho do pão assando,
A uva e o vinho e as cantinas no fundo do porão.

A tarantela ressoa
Com emoção e alegria.
Tuiuty canta e encanta todos os dias.
Nas glórias, nas memórias e no dia a dia.

Nas festas, nas construções
No sotaque e nas suas vibrações.
Viva e reviva a cultura italiana
Com orgulho e muita emoção.

Manoela Balestra

O olhar que permanece

O passeio foi tão inspirador, a propósito, que a turma criou um pequeno conto em estilo lírico para eternizar essa emoção. De quebra, ainda concluiu citando um famoso escritor gaúcho:

17 de junho de 2025, estou sentada em frente à janela. Frio, chuva, quase inverno. Mal consigo enxergá- -las, e mesmo assim vejo meu sonho transformado em realidade. As vinhas daqui parece que secaram, adormeceram, descansam. Logo mais brotarão e produzirão lindos cachos. Carrego comigo um velho legado. Deve ser o mesmo que há 150 anos, no começo de tudo, aqui trouxe os Joanis, os Tonis, Marias, Teresas. Pais, companheiros, filhos. Partiram da Itália com quase nada, mas tinham força, coragem e fé. As lembranças saltam aos olhos, se acumulam, se guardam. Parafraseando Mário Quintana: “E quando um dia eu me for... que eu também seja poeira ou folha levada. E mesmo que a minha vida se apague, permaneça esse olhar suave, misterioso e também amoroso”.

Produção coletiva

Bento Gonçalves nasceu italianíssima sim, mas não se resume a uma taça de vinho e uma tigela de *capeletti in brodo*. Ela é mais que isso. Ela é moderna, dinâmica, diversa e surpreendente. Nasceu se transformando e continua a se transformar, mantendo, porém, um forte laço com a história. Tem os pés no passado e o olhar no futuro.

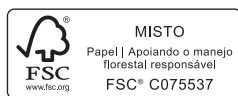
Edição: Otavio Nazareth
Coordenação pedagógica: Giselle de Guimarães Germano
Texto final: Marcus Aurelius Pimenta
Ilustrações: Olavo Costa
Projeto gráfico: Daniel Brito
Assistente de design: Barbara Garcia
Revisão: Fernanda Alvares
Produção gráfica: Marina Ambrasas

1ª edição, 2025

A Editora não se pronuncia, expressa ou implicitamente, a respeito da acuidade das informações contidas neste livro e não assume qualquer responsabilidade legal em caso de erros ou omissões.

© Marcus Aurelius Pimenta e Olavo Costa, 2025
© Editora Olhares, 2025

Impressão: Leograf
ISBN: 978-65-6092-068-2



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha elaborada segundo a AACR2r

P644b Pimenta, Marcus Aurelius.
Bento Gonçalves : a cidade da gente / organização Marcus Aurelius Pimenta ; ilustrações Olavo Costa — São Paulo : Olhares, 2025.
80 p. : il. color. ; 25 cm.
ISBN 978-65-6092-068-2
1. Literatura infanto-juvenil. 2. Escolas. 3. Patrimônio cultural. 4. Cidades.
5. Imigração italiana. 6. Costumes. 7. Bento Gonçalves (RS). I. Costa, Olavo.
II. Título.
CDD 028.5

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária
Renata Baralle — CRB-8/10366

patrocínio

produção executiva

parceria

realização



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais



INSTITUTO
aegea



doble.
cultura



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

Era uma vez Bento Gonçalves. Um dia as crianças e os adolescentes que moravam lá perceberam que a história da cidade era a sua própria história... A imigração italiana, o vinho, o lago da Fasolo e, o setor moveleiro, entre outros patrimônios, fazem parte dessa narrativa, investigada e escrita pelos estudantes das escolas municipais.



patrocínio



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais



OLHARES

INSTITUTO

aegea



CORSAN

produção executiva

doble.
cultura

realização

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO